

Boudica nas Representações do Feminino

TAIS PAGOTO BELO*

1- Introdução:

Este estudo trata-se da interpretação, em fontes textuais e artísticas, das representações femininas de Boudica, rainha bretã da tribo dos Iceni, a qual liderou uma rebelião contra o Império Romano durante a invasão deste na antiga Bretanha, durante os anos de 60 a 61 d.C. Seus atos de guerra foram escritos em primeira mão por Tácito e Dião Cássio, que pertenciam a uma sociedade incapaz de aceitar uma mulher como comandante de um exército

Entretanto, atualmente é muito difícil encontrar essas fontes primárias de uma forma completa, por exemplo, em relação as obras de Tácitos temos apenas os anos de 68 e 69 de *A Vida de Agrícola* e de *Os Anais do Império Romano*, o livro V e todos do livro VII ao X estão desaparecidos. A obra de Dião Cássio também possui problema semelhante (Pinto, 2011, p. 107).

Contudo, estes textos foram lidos e relidos durante séculos e a mesma história foi reescrita e contada várias vezes e de diversas formas. A criatividade de certas informações, nessas novas obras, era corriqueira, pois elas não passavam de poemas, peças, esculturas, livros, pinturas, trabalhos políticos e até charges que envolviam a figura feminina da Boudica. Esses trabalhos não tinham por intuito maior contar a verdade, mas chamar a atenção da audiência.

Dessa forma, ela já serviu de comparação com a Rainha Elizabeth, a Rainha Vitória e até mesmo com Margaret Thatcher, além de muitas vezes aparecer como uma mulher masculinizada e outras como uma mãe devota.

* Instituição de origem: Unicamp

Titulação: Doutorado

Agência Financiadora: FAPESP

Sendo assim, essa pesquisa mostra as várias facetas femininas colocadas, ao longo do tempo para a personagem heróica Boudica, as quais surgiram em decorrência do seu gênero e assim demonstraram o olhar da sociedade diante de suas mulheres.

2- Boudica e as fontes textuais:

Como já foi mencionado, as fontes primárias que testemunharam a liderança do exército de Boudica foram as de Tácito e Dio, escritores romanos que tinham como função anotar os feitos históricos do Império Romano, porém suas palavras foram formuladas de acordo com o ponto de vista e o interesse político de cada um.

Através dessas fontes percebe-se que era comum os bretões serem liderados por mulheres na província da Bretanha. Tanto é que em *'A vida de Agrícola'*, Tácito (1967) menciona que 'os Bretões não fazem distinção do sexo de seus líderes'. No entanto, têm-se relatos de que mais uma mulher bretã comandou um exército, seu nome era Cartimandua, da tribo dos Brigantes, que foi retratada por Tácito como uma mulher traiçoeira, imoral e adúltera, ao contrário de Boudica, retratada como uma mulher devota, moral, porém equivocada (Hingley & Unwin, 2005, p. 8).

Nos relatos de Dião Cassio, Boudica foi retratada psicologicamente e fisicamente masculina, e que ela tinha a voz, o tamanho e armas de um homem. A ênfase que deu os danos e o caos provocado pela rebelião demonstrou o poder junto com a 'barbaridade' de Boudica e seus seguidores (Braund, 1996, p. 141).

De certa maneira, a figura feminina na posição de governante dos nativos ia contra a questão de gênero aceita pelos romanos (Idem, 1996, p.141). As mulheres romanas, geralmente, tinham um poder limitado dentro de uma sociedade governada por homens, porém elas podiam ter riqueza e ser influentes.

Nos escritos de Tácito e Dio, Boudica é mostrada como a figura heróica celta mais dramática dessa literatura. Escritos mais recentes que, provavelmente utilizaram-se das fontes clássicas para serem criados, apresentam problemas de veracidade. Entretanto, não quer dizer que as fontes clássicas não tenham problemáticas, pois o Império Romano produzia uma quantidade de autores que escreviam a história para Roma e que, assim, privilegiavam o desenvolvimento da dominação sobre o resto do mundo (James & Rigby, 1997, p. 7). Esses relatos, escritos por homens romanos da

aristocracia, eram para serem lidos por homens de sua própria ‘classe’, mostrando os interesses concernentes a tal grupo (Hingley & Unwin, 2005, p. 42).

Em 1360 Giovanni Boccaccio, ao visitar a biblioteca do monastério de Monte Cassino na Itália, resgatou vários documentos clássicos, entre eles as obras de Tácito. Sendo assim, grande parte da obra *Anais* foi recrutada entre os anos de 1410 a 1430 e, na segunda metade do século XV, muitas dessas obras foram copiadas e editadas, inclusive a de Tácito. Depois disso, Tácito teve uma grande influência na história e no pensamento político da Europa do século XVI em diante e sua obra ficou disponível a um grande número de estudiosos (Dudley & Webster, 1962, p. 115; Martin, 1981, pp. 237-238; Piggott, 1975, 123).

Seguindo a viagem de Cristovão Colombo em 1492, os interesses da Europa se voltaram à América. A expansão do conhecimento do mundo teve um impacto dramático na Bretanha e resto da Europa, particularmente por causa da descoberta dos ‘selvagens’, povos nativos encontrados durante a exploração do Novo Mundo (Hingley & Unwin, 2005, p. 113).

Durante os anos de 1530 houve a quebra do reinado de Henrique VIII, da Inglaterra, com a Igreja, a qual levou o governo a receber diretamente pressões políticas que duraram até o reinado de Elizabeth (Hingley & Unwin, p. 113). Enquanto a Inglaterra se tornou protestante, a imagem de Roma foi resguardada com ambivalência, pois era ligada ao Papa e ao catolicismo (Shephard, 1981, p. 150). Essa foi a ocasião ideal para os britânicos resgatarem seu passado bretão e sua história de origem e de associarem os ‘selvagens’ da América com os nativos da Bretanha.

A contradição entre bravura e ‘selvageria’ estava no cerne dos relatos ingleses dos séculos XVI e XVII e a imagem da Boudica era parte desse processo. De um lado, ela era vista como exemplo de selvageria nativa e resistência contra a dominação romana, e de outro como uma honrada personagem que lutou contra Roma e sua opressão. Boudica era apresentada como uma figura complicada nos relatos modernos mais antigos (Hingley & Unwin, 2005, pp. 114 - 115).

Durante o século XVI houve mulheres que governaram a Escócia e a Inglaterra, Mary Stuart e Elizabeth. Apesar de muitas vezes, essas mulheres terem sido taxadas, condenadas e desmoralizadas, elas não compareciam para liderarem pessoalmente seus exércitos nesta época. Boudica tornou-se uma figura que representava o excesso

‘selvagem’, considerado inevitável para uma mulher no governo e, assim, não era considerada totalmente normal. Essa imagem, geralmente delineada por homens, foi tirada dos relatos clássicos, bíblicos e medievais para o início da Idade Moderna. Os relatos clássicos foram reinterpretados em um contexto contemporâneo a esses escritores e passaram, de certa forma, a denunciar as idéias de governantes e seus gêneros a partir de pensamentos anteriormente construídos nessa sociedade.

O escritor escocês seiscentista Hector Bøece escreveu a história de Boudica na obra *‘The Chronicles of Scotland’*. O território no qual se passou a rebelião foi descrito como sendo a Ilha de Man ou Mona, onde o marido de Boudica era o rei ‘Aruirago’, em vez de Prasutago e ela era chamada de ‘Voada’ e sua filha ‘Vodicia’. A questão do gênero nessa obra é interessante, pois mostra o caráter honroso e forte de Voada e de Vodicia. Todavia, Voada é totalmente masculinizada, enquanto os romanos são descritos como pervertidos e efeminados. Boudica é apresentada como uma defensora dos direitos contra o poder do Império Romano (Hingley & Unwin, 2005, p. 122).

Os escritores dos tempos Elizabetanos tinham um grande interesse em figuras virtuosas, assim sendo, Boudica se tornou o foco da atenção sendo retratada como uma mulher patriota que lutou bravamente contra os romanos. Além disso, como o pai de Henrique VIII era do País de Gales e os galeses eram considerados descendentes diretos dos celtas, Elizabeth, filha de Henrique VIII, se identificava muito com Boudica, sendo as duas figuras focos de comparações e contrastes (Mikalachki, 1998, p. 116). Contudo, a imagem da mulher no poder, no século XVI, não era vista de forma positiva devido a idéias e pensamentos do passado, assim como, os escritos de Aristóteles (Mendelson & Crawford, 1998, 349).

Algumas das obras seiscentistas que faziam comparações com as duas personagens femininas são: Stephen Gosson, *The Schoole of abuse* (1579 ou 1868); Raphael Holinshed, *The Chronicles of England, Scotland and Ireland* (1577 ou 1586); Edmund Spenser (1590 ou 1979), *The faerie queene*; John Speed, *The History of Great Britaine* e outros. Contudo, o que eles escreviam era meramente o que Dio e Tacito falaram, com as mesmas idéias masculinas. O italiano Petrucci Ubaldini (1591) apresentou a Rainha Elizabeth com o manuscrito *The Lives of the noble ladies of the Kingdom of England and Scotland*, sugerindo uma idéia positiva de que as mulheres no governo, na Inglaterra e na Escócia, eram consideradas um modelo assim como as

mulheres romanas e gregas eram consideradas pela sua virtude (Dudley & Webster, 1962, p. 119).

No início do século XVII ainda se faziam comparações entre Elizabeth e Boudica, como, por exemplo, na obra de John Speed (1611), *The History of Great Britaine*, obra que mostrava Boudica como uma figura positiva inspirada na Rainha Elizabeth. Depois da morte de Elizabeth em 1603 e a tomada do reino por James I, a figura da Boudica apareceu de forma muito mais crítica. Nos séculos XVII e XVIII os escritores manipulavam as informações das fontes clássicas e utilizavam a figura da Boudica para dar significado a alguns pontos da sociedade em que viviam (Hingley & Unwin, 2005, p. 129).

Entre os anos de 1609 a 1614 a história de Boudica foi contada por John Fletcher (1609 ou 1679) em uma peça de teatro que foi adaptada por George Powell em 1696 e mais tarde por George Colman em 1778 e 1837. Fletcher deixou claro que suas visões foram baseadas nos relatos de Dio e Tácito e que, provavelmente, tinha lido Ualdini e Holinshed. Dessa forma, roubava detalhes dos escritores, porém inventava ações para fazer com que sua peça ficasse mais dramática. Contudo, nelas, as mulheres tinham papéis negativos e, além de mostrar que Boudica era totalmente inadequada para lidar com negócios masculinos, como por exemplo, política e guerra. Ele deixou claro que os britânicos se tornaram gloriosos quando se juntaram aos romanos (Williams, 1999, p. 23). O caráter negativo que Fletcher dá a Boudica teve maiores impactos nos 50 e 100 anos posteriores a estréia de sua peça.

Trabalhos da mesma época, como os de Speed (1611); Jonson (1609 ou 1641), *'The Masque of The Queens'*; Thomas Heywood (1640), *'The exemplary lives and memorable acts of nine the most worthy women of the world'*; e Esther Sowernam[†] (1617 ou 1685), *'Esther Hath Hanged Haman'*, falavam de uma forma positiva sobre Boudica (Hingley & Unwin, 2005, p 132).

Charles Hopkins em 1697 estreou a peça *'Boadicea, Queen of Britain'*, que retratava Boudica de forma mais positiva e maternal que Fletcher, embora a atriz que a interpretou era famosa por fazer papéis masculinos. Hopkins optou, ainda, por retirar as cenas mais violentas da peça.

[†] Provavelmente este era um pseudônimo, ou seja, um homem que escrevia com nome de mulher (HINGLEY & UNWIN, 2005).

Em 1753 (ou 1797), Richard Glover estreou a peça ‘*Boadicea*’, que representava a personagem principal como totalmente hostil e seus atos falhos eram sempre associados ao seu gênero, ou seja, essa peça era uma versão exagerada do trabalho de Fletcher. Em 1733, John Horsley escreveu ‘*Britannia Romana*’, que foi interessante por popularizar os escritos de Boudica.

O tema da Boudica em sua carroça de guerra foi utilizado na capa do trabalho de Tobias Smollett, ‘*Complete History of England*’, que a descrevia como uma mulher de espírito masculino e irresistível eloquência. A ilustração foi feita por Charles Grignon que se baseou no trabalho de Francis Hayman. Esta representação é comparada com outras mais antigas e demonstra que o crescimento do conhecimento dos antiquários, que no período dos séculos XVII e XVIII, tinham revolucionado a maneira de compreender os monumentos arqueológicos e objetos da pré-história britânica (Hingley & Unwin, 2005, p. 143).



Ilustração feita por Charles Grignon.

(www.sheshen-eceni.co.uk/boudica_photo.html, 2011)

A peça de Fletcher foi a que ficou em cartaz por mais tempo, permanecendo desde a data da sua estréia até o final do século XVIII, ou até mais. Na maioria dessas peças, além de retratar suas estratégias de guerra como desastrosas, os papéis de Boudica e de suas filhas foram sendo retirados, isso devido ao seu caráter ‘selvagem’. No início dos tempos modernos a imagem de Boudica assumiu a figura de mãe preocupada, porém esse retrato adotou idéias conflitantes. Dessa forma, considera-se apenas que o trabalho de Esther Sowernam mostrou de fato a força feminina, além de uma crítica aos escritores que a retrataram.

A figura de Boudica no século XVI e XVII tem posições contrastantes com aquela do século XVIII, ou seja, de um lado, ela era utilizada para mostrar o respeito dos ancestrais britânicos, e de outro lado, tinha-se o desejo de exorcizar a primitiva selvageria feminina da história nacional (Idem, 2005, p. 145).

Durante o final do século XVIII e início do século XIX houve a expansão do Império Britânico, o qual era palco de comparações com o Império Romano. Essa atitude era de fundamental importância para as pessoas mais abastadas da sociedade inglesa, pois receberam uma educação clássica e, assim, acabavam se identificando com a origem romana.

Durante os anos de 1776 a 1788, Edward Gibbon publicou *‘The history of the decline and fall of the Roman Empire’*, que enfatizava o declínio do Império Romano devido a sua corrupção moral e conduta degradante, além disso, Gibbon não gostava da idéia de ‘imperialismo’ e não considerava que o Império Romano tinha um paralelo com o Império Britânico. Esse tipo de relato soava como um desafio aos olhos dos críticos, pois a educação Greco-Romana era tomada como modelo para a educação do resto da Europa. Para acrescentar, outra obra que mostra essa devoção dos britânicos pela cultura romana é *‘The Roman Wall’*, de John Collingwood Bruce, publicada em 1851.

Nos últimos anos do século XIX e início do XX, a imagem de Roma foi associada ao fato de que o orgulho nativo fora humilhado pelo exército romano e que a ilha toda fora efetivamente convertida em uma colônia. Sendo assim, nesta época, vários escritores, incluindo aqueles que escreviam para crianças, discutiam o impacto romano sobre a Bretanha, atitude esta que acabou conduzindo a reafirmação do orgulho nacional e a uma exploração da oposição dos antigos bretões contra Roma (HINGLEY

& UNWIN, 2005). Uma das obras que traz esse tipo de argumento é *'Stories of the Land we live in: or England's History in easy language'*, de William Locke, publicado em 1878.

Justamente no início do século XVIII, Boudica foi modelada como uma figura patrioticamente heróica e como uma inspiração nacional da literatura e da arte. No final do século XIX e início do XX, ela foi redesenhada por poetas, autores de peças de teatro e outros artistas, como uma figura de resistência a Roma. Um dos escritos mais importantes que retrata essa visão é *'Boudicea: An Ode'*, de William Cowper, de 1782, que a apresenta como uma imagem assexuada de triunfo e heroísmo britânico e que seus atos embasavam o desenvolvimento do Império Britânico como um ícone imperial (Hingley, 2000, pp. 74 - 75). Além disso, foram removidos da obra todos os aspectos que figuravam a ambição e a agressão de Boudica e, assim, sua imagem foi construída de forma a ser aceita nessa época (Hingley & Unwin, 2005, pp. 150 - 151).

Durante o século XIX e início do XX, Boudica foi colocada como uma heroína do folclore do Império Britânico. Esses relatos fizeram de Boudica uma figura de propósitos patrióticos, porém as antigas associações sobre os relatos clássicos ainda continuavam, um exemplo, foi a peça de Fletcher que durou até 1837.

A imagem de Boadicea era muito popular nessa época, porém não era ilustrada de forma positiva. A obra de Alfred Tennyson, *'Boadicea'*, publicada em 1864, mostra este aspecto ao demonstrá-la como violenta, incontrolável e, particularmente, como uma selvagem com apetite por batalhas (MacDonald, 1987, pp. 52 - 53). Contudo, em nenhum momento é tirado o aspecto imperial positivo de Boudica que já fora mostrado nos trabalhos de Cowper (Hingley & Unwin, 2005, pp. 150 - 154).

A imagem de Boadicea no poema de Cowper desenvolveu um importante papel nos últimos anos Vitorianos e no século XX. Sua imagem foi comparada à da Rainha Vitória em seu reinado, tanto é que, Boudica em celta quer dizer 'Vitória'. Todavia, assim como nos trabalhos de Tennyson, Boudica não é considerada como uma figura de incondicional positividade. Mais tarde, Francis Barker (1859) publicou *'Boadicea'*, com um propósito totalmente patriota.

Nos últimos anos do período Vitoriano e no período Eduardiano, surgiram as novelas históricas para crianças, as quais celebravam vários heróis nacionais, como Boadicea, Carataco e vários outros reis medievais, cavaleiros, soldados modernos e

exploradores imperiais. Um dos autores mais importantes que escrevia para crianças foi G. A. Henty, que elaborou a obra *'Beric the Briton: A story of the Roman invasion'*, onde Boadicea é descrita como 'uma coisa diferente para seu marido', o qual sempre estava a favor dos romanos (Hingley & Unwin, pp. 159 – 160).

Entre os anos Vitorianos e Eduardianos foi construída a estátua de Boudica e suas duas filhas por Thomas Thornycroft, que está situada próxima a ponde Westminster e que significou uma rendição ao que é chamado de 'A apoteose de Boadicea' (Smiles, 1994, p. 163). Para o escultor, as duas filhas eram jovens 'bárbaras' que deveriam considerar sua violência como o resultado de um insulto a ser vingado (Manning, 1982, p. 38), ou seja, o escultor também compara os atos de Boudica ao 'barbarismo', isenta de traços maternos e sim como uma guerreira poderosa.



Estátua feita por Thornycroft. (www.sheshen-eceni.co.uk/boudica_photo.html, 2011)

Em 1900, Mary Trevelyan publicou *'Britains Greatness Foretold: the story of Boadicea, the British Warrior-Queen'*, que considerava a população do país de Gales descendentes diretos de Boudica, dando a esta um caráter mais positivo e não a descrevendo como uma 'selvagem', ao contrário de outras obras.

No início do século XX, com o declínio do Império Britânico pensava-se que a figura de Boudica iria ficar menos popular, entretanto, começou a ser comum escritoras utilizarem sua imagem para falar de assuntos feministas. Sendo assim, a figura de

Boudica sobrevive até hoje, popularmente e academicamente. Hoje, ela possui uma imagem positiva entre os estudiosos de seu tema. E ainda no início do século passado a imagem de Boudica foi utilizada pelas Sufragistas em seus discursos para conseguir o direito de votar, para sublinhar a força feminina e para sustentar a reivindicação de seus direitos.

Além disso, nos últimos tempos, alguns escritores, como Simon Shepherd, Marina Warner, Sharon Macdonald e Antonia Fraser traçaram um paralelo de Boudica com Margaret Thatcher, que foi primeira ministra da Inglaterra. O número de autoras que escrevem sobre esse tema vem aumentando cada vez mais, uma vez que a questão do gênero do autor é um fator significativo para se compreender a posição da mulher na sociedade, tanto no ponto de vista masculino quanto no feminino.

E assim, para concluir, a imagem de Boudica tem sido sempre invocada, redefinida e contrariada desde sempre. Assim como nos dias de hoje, a heroína ainda é vista em filmes, documentários e séries televisivas.

3- Conclusão:

O aspecto mais importante, que fez com que Boudica fosse constantemente lembrada, é o fato de ela ter sido uma mulher que levou seu povo para a batalha. Essa associação de uma mulher em particular com a guerra, tem sido vista, ao longo do tempo, como algo problemático e desafiador, tanto para os autores quanto para artistas que a representam.

Diante das perspectivas de dominação masculina, os escritores romanos descreveram Boudica como uma figura bárbara e incomum no que rege a liderança de um exército e, assim, autores posteriores, seguindo os mesmos pensamentos, quase sempre a apresentaram como algo diferente, uma anomalia, pois ela ultrapassou os limites do papel feminino perante a sociedade.

Os contos, peças de teatro e outros trabalhos artísticos que utilizaram a figura da guerreira Bretã, utilizaram um senso histórico e foram elaborados para terem audiência. As informações criadas, que não tinham a preocupação de mostrarem a verdade em si, constituem um elemento fundamental para a compreensão do pensamento do homem do passado, pois esses elementos podem contar muitas coisas sobre seu autor.

Nos dias atuais, Boudica é retratada tanto por homens quanto por mulheres, seja em peças de teatro, novelas, óperas, dramas ou *websites*. Contudo, geralmente, pela variação devido ao gênero do autor, ainda se tem diferenças nas maneiras em que ela é ilustrada. Em várias dessas produções ela é retratada como uma mulher nobre e honesta que lutou contra o poder do Império Romano e, em alguns *websites*, ela é até demonstrada como uma figura mítica.

Para concluir, pode-se dizer que no início do século XXI a História e a Arqueologia já sofreram várias transformações em sua atitude interpretativa. Um exemplo é a Arqueologia feminista, de gênero, *queer* ou de diversas subjetividades que estão em alta nos estudos mais atuais (Carvalho & Funari, 2009), além da História Cultural que cada vez mais abre as portas para esse tipo de pesquisa.

4- Bibliografia e demais fontes de pesquisa:

BRAUND, D. 1996. **Ruling Roman Britain: kings, queens, governors and emperors from Julius Caesar to Agricola**, London, Routledge.

BATTON, J. S. 1986. *Of England, home and duty: the image of England in Victorian and Edwardian juvenile fiction*, In: J. M. Mackenzie (ed.), **Imperialism and popular culture**. Manchester University Press.

BRIGDEN, S. 2000. **New worlds, lost worlds: the rise of the Tudors 1485 – 1603**, London, Penguin.

BRUCE, J. C. 1851. **The roman wall: a historical, topographical and descriptive account of the Barrier of the Lower Isthmus**, London, John Russell Smith.

CARVALHO, A.V. & FUNARI, P.P.A. 2009. *Arqueologia de gênero e diversidade no contexto brasileiro*, In: MORALES, W.F. & MOI, F.P. (org.) **Cenários regionais em Arqueologia brasileira**, São Paulo: Annablume.

CRAWFORD, J. 1999. *Fletcher's the tragedie of Bonduca and the anxieties of the masculine government of James I*, **Studies in English literature, 1500 – 1900**, 39, 357-81.

COWPER, W. 1980. *Boadicea: an ode*, In: J. D. Baird and C. Ryskamp (ed.) **The poems of William Cowper**, Oxford, Clarendon Press. 1:1748 – 82, 431 – 32. First published 1782.

DIO, C. 1925. **Dio's Roman History**. Edited by E. Cary, London, G. B. Putman.

DUDLEY, D. & WEBSTER, G. 1962. **The rebellion of Boudicca**, London, Routledge.

FLETCHER, J. 1979. 'Bonduca', In: F. Bowers (ed.) **The dramatic works in the Beaumont and Fletcher canon**, Cambridge, Cambridge University Press, IV, 149 – 259. First performed 1609-14.

- GIBBON, E. 1776. *The history of the decline and fall of the Roman Empire*. (...). GLOVER, R. 1797. **Boadicea**, In: J. Bell (ed.) *British Theatre: volume II*, London, British Library. First performed 1753.
- GOSSON, S. 1868. **The schoole of abuse**. Edited by E. Anber. Birmingham. First published, 1579.
- HENTY, G. A. 1893. **Beric the Briton: a story of the roman invasion**. Glasgow, Blackie.
- HEYWOOD, T. 1640. **The exemplary lives and memorable acts of nine the most worthy women in the world**, London, Thomas Cotes.
- HINGLEY, R. & UNWIN, C. **Boudica: Iron Age warrior queen**. London, Hambledon Continuum.
- HINGLEY, R. 2000. *Roman officers and English gentlemen: the Imperial origins of Roman archaeology*, London, Routledge.
- HOLINSHEAD, R. 1586. **The chronicles of England, Scotland and Ireland**. Newlie Augemented and continued by John Hosker + V. Gent and others. Place of publication and publisher unspecified. First published 1577.
- HOPKINS, C. 1697. **Boadicea: queen of Britain, a tragedy**, London, Jacob Tonson.
- HORSLEY, J. 1974. **Britannia Roman or the Roman Antiquities of Britain**, Ilkley, The Scholar Press. First published 1733.
- JAMES, S. & RIGBY, V. 1997. **Britain and the Celtic Iron Age**, London, British Museum.
- JONSON, B. (1941). *Ben Jonson*, v. 7. Edited by C. H. Herford Percy and E. Simpson, Oxford, Clarendon Press. 'The Masque of the queens', first performed 1609.
- LOCKE, W. 1878. **Stories of the Land we live in: or England's History in easy language**, London, James Nisbit.
- MACDONALD, S. 1987. *Boadicea: Warrior, mother and myth*, In: S. Macdonald, P. Holden and S. Ardener (eds.) **Images of women in peace and war**, London, Macmillan, 40-61.
- MANNING, E. 1982. **Marble and bronze: the art and life of Hamo Thornycroft**, London, Tefoil.
- MARTIN, R. 1981. **Tacitus**, London, Batsford.
- MENDELSON, S. & CRAWFORD, P. 1998. **Women in early modern England**, Oxford, Oxford University Press.
- MIKALACHKI, J. 1998. **The legacy of Boadicea: gender and nation in early Modern England**, London, Routledge.
- PINTO, R. 2011. *Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. 259 pp. Tese de doutorado defendida em 14 de março de 2011, apresentada ao programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, no Departamento de História, na área de concentração em História Cultural.

- SHEPHERD, S. 1981. **Amazons and warrior women: varieties of feminism in Seventeenth-Century drama**. Brighton, Harvester.
- SMILES, S. 1994. **The image of Antiquity: Britain and the romantic imagination**, London, Yale University Press.
- SPEED, J. (1611). **The history of Great Britaine under the conquests of ye romans, saxons, danes and normans**, London, Iohn Sudbury & Gorg Hunble.
- SPENSER, E. 1979. **The faerie queene**, London, Penguin. First published, 1590.
- SOWERNAM, E. 1985. *Esther Hath Hanged Haman*, In: K. U. Henderson and B. F. McManus (eds) **Half Humankind: context and text of the controversy about women in England, 1540 – 1640**. Chicago, University of Illinois Press, 217 – 43. For Sowernam's of 1617.
- TACITUS, C. **The annals of Imperial Rome**. Translated by M. Grant, London, Penguin.
- _____. **De vita agricolae**. Edited by R. M. Olgivie and I. Richmond, Oxford, Clarendon Press.
- TENNYSON, J. 2000. **Poetical works of Alfred Lord Tennyson**, London, Macmillian and Co.
- TREVELYAN, M. 1900. Britain's greatness foretold: the story of Boadicea, the British warrior-queen, London, John Hoogg.
- UBALDINI, P. 1591. **Le vite delle donne illustri, del regno d'Inghilterra, e del regno di Scotia**, London.
- WEBSTER, J. 1978. **Boudica: the British revolt against Rome AD 60**, London, Batsford.
- WILLIAMS, C. 1999. *This frantic woman: Boadicea and English neo-classical embarrassment*, In: M. Wyke and M. Biddiss (eds) **The uses and abuses of Antiquity**, Bern, Peter Lang, 19 – 36.